

JAN HRICSINA

EVOLUÇÃO DO SISTEMA VOCÁLICO DO LATIM CLÁSSICO AO PORTUGUÊS MODERNO (TENTATIVA DA VERIFICAÇÃO *IN CORPORA*)¹

Os objetivos do presente estudo são dois: o primeiro é recapitular a evolução do sistema vocálico do Português, uma língua que não mudou tão profundamente como as demais línguas românicas (Francês, Espanhol, Italiano, Romeno). Por exemplo, o sistema das vogais tônicas do Português atual apresenta-se como um dos mais arcaicos no conjunto destas línguas; o segundo objetivo é verificar fenómenos que se apresentam como hipotéticos (por exemplo, o alteamento das vogais átonas no Português Antigo). Para tal, procederemos ao *corpus* eletrónico do Português www.corpusdoportugues.org.²

O presente artigo está dividido em cinco partes: 1. O sistema vocálico no Latim Vulgar, 2. O sistema vocálico no Português Antigo, 3. O sistema vocálico no Português Clássico e Moderno, 4. Mudanças ocorridas no sistema vocálico no século XIX e 5. Conclusões.

1. O sistema vocálico no Latim Vulgar

O ponto de partida da nossa descrição será representado pelo sistema vocálico do Latim Clássico (uma língua que nos é bastante conhecida). Não descreveremos, porém, este sistema, ao invés, passaremos desde já a recapitular as mudanças ocorridas no assim chamado Latim Vulgar, ou seja, numa língua falada pelo povo, pouco influenciado ou não-influenciado pelos modelos escolares no território da România do século I ao século VII da nossa era (sobre a definição

¹ Este artigo faz parte do projeto “Program rozvoje vědních oblastí na Univerzitě Karlově č. P10 *Lingvistika*”, subprograma “*Románské jazyky ve světle jazykových korpusů*”.

² O corpus elaborado por Mark Davies (BYU) e Michael J. Ferreira (Georgetown University) contém mais de 45 milhões de palavras dos textos provenientes dos séculos XIV-XX escritos em ambas as variantes principais do Português, respetivamente no Português Europeu e no do Brasil.

do Latim Vulgar ver Neto 1957:11–37). Sabe-se muito pouco sobre a estrutura desta língua. As suas descrições baseiam-se principalmente na comparação das línguas românicas atuais ou nos poucos factos conhecidos (*Appendix Probi*, Graffiti de Pompeia, algumas obras literárias de Petrónio, Plauto etc.). A questão do Latim Vulgar e a sua evolução são bastante complexas e complicadas e não nos é possível entrar em pormenores neste estudo (ver Väänänen 1981, Haadsma 1963, Neto 1957, Castro 2006). O certo é que o Latim Vulgar não era uma língua estável e homogénea. A língua falada em Roma era diferente da falada na Península Ibérica. No presente estudo, descreveremos só as mudanças gerais e apontaremos para aquelas que afetaram só os dialetos falados no extremo oriente da Península Ibérica, ou seja, no território em que depois nasceu a língua portuguesa.

1.2 O acento

Primeiro recordamos brevemente quais as regras da posição do acento no Latim Vulgar:

- a. As palavras monossilábicas são sempre tónicas (exceto as preposições e conjunções): *pax*, *rus*³.
- b. Nas palavras dissilábicas o acento recai sempre na penúltima sílaba: *ego*, *equa*.
- c. Nas palavras de três sílabas e mais aplica-se a assim chamada regra de quantidade da penúltima sílaba: se a penúltima sílaba é longa, o acento recai nela. Esta sílaba pode ser longa por natureza (*amáre*) ou por posição – seguem-se pelo menos duas consoantes (exceto a combinação – oclusiva+líquida – *magistra*). Se a penúltima sílaba é breve, o acento recai na antepenúltima – *femina*.

No Latim Vulgar, na maioria das palavras o acento fica na mesma sílaba como no Latim Clássico. Existem só algumas exceções a esta regra.

- a. O acento muda de posição nos infinitivos dos verbos da terceira classe. Nas línguas românicas (exceto no Italiano⁴) estes verbos passaram seja para a segunda classe (*perdere*>*perder*) seja para a quarta classe (*petere*>*pedir*).
- b. No Latim Vulgar o acento recai na penúltima sílaba também nas palavras em que esta é breve (seguida de oclusiva+líquida) – *integra*>*inteira*.
- c. Outra mudança que afetou o Latim Vulgar já em meados do século I a. C., reside na passagem do acento nas vogais /i/, /e/ e /u/ que ficam no hiato, para

³ As letras em negrito representam as vogais acentuadas.

⁴ Em Italiano, existem três classes de verbos. À segunda pertencem geralmente os verbos com o acento seja na antepenúltima sílaba (*vendere*) seja na penúltima (*temere*).

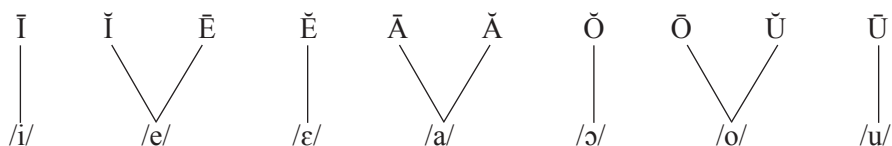
a vogal seguinte. O hiato passa assim ao ditongo – /mulieres/ > /mulje:res/⁵, *consuere* > /konswe:re/.

- d. Ao contrário do Latim Clássico, no Vulgar os verbos formados pelo prefixo respeitam a regra de quantidade da penúltima sílaba (o acento recai na penúltima) – *repeto* > *repeto*.

A mudança principal que afetou o acento no Latim Vulgar, foi a substituição do acento quantitativo-melódico pelo acento de intensidade, ou seja, a passagem dum tipo de acento para outro. Enquanto que no Latim Clássico a sílaba acentuada se pronunciava num tom mais agudo e era mais longa do que a não-acentuada, no Latim Vulgar, provavelmente desde o século III a. C., começa a expandir-se o acento de intensidade (cf. Väänänen 1981:32). A sílaba acentuada passa a pronunciar-se, assim, com mais intensidade e energia. Em consequência, é esta energia que falta ao pronunciarem-se as vogais átonas que passam a ser pronunciadas de maneira reduzida ou com um timbre modificado. A qualidade destas vogais modifica-se e, nalgumas línguas, este fenómeno pode levar à queda de toda a sílaba (Português, Romeno).

1.3 Vogais tónicas

A mudança mais importante que afetou o sistema vocálico do Latim Vulgar, é a perda da quantidade vocálica (ver mais em detalhe Väänänen 1981: 29–38; Neto 1957: 175–183). No Latim Clássico havia cinco vogais breves (Ā, Ē, Ī, Ō, Ū)⁶ e cinco vogais longas (Ā, Ē, Ī, Ō, Ū). A quantidade vocálica representava um traço fonológico, ou seja, era capaz de distinguir as palavras (*legit/lēgit, malum/mālum*). Esta quantidade vocálica que existia originalmente no Latim Clássico, foi substituída pela qualidade vocálica. Quer dizer isto que as vogais passaram a pronunciar-se ou de maneira fechada ou de maneira aberta. A regra principal era a seguinte: as vogais tónicas breves abriram-se e as tónicas longas fecharam-se (exceto a vogal A). Esta transformação levou alguns séculos. Os especialistas em questão afirmam que a mudança se processou no período entre o século II e o século VI. Vejamos o quadro que ilustra o acima mencionado:



Quadro I

⁵ Para a representação fonológica de palavras seguimos a transcrição fonética API. As palavras ficam sempre entre barras. Para representar os grafemas usam-se parênteses angulares.

⁶ O símbolo $\bar{\text{~}}$ que fica em cima duma letra, significa que a respetiva vogal é breve, o – representa a pronúncia longa duma vogal.

Como reação à perda da quantidade vocálica original formou-se no Latim Vulgar uma nova quantidade vocálica, de carácter posicional, que não era fonologicamente relevante (não era possível distinguir palavras por meio dela). Trata-se da lei de Ten Brink que se baseia na regra seguinte: no Latim falado em Roma todas as vogais tónicas na sílaba aberta eram longas e na sílaba travada breves. Todas as vogais átonas eram breves. No Latim Vulgar falado na Península Ibérica (iberorromance), a situação era diferente: cada vogal tónica era longa (*cantus* /kantum/ > /ka:ntu/, *mare* /mare/ > /ma:re/)⁷. A consequência desta mudança foi a substituição duma oposição fonológica (vogal breve/longa) pela outra (vogal aberta/fechada). Vários pares mínimos ficaram na língua, só que um traço fonológico diferenciador foi substituído por outro (*populus* (povo)/*pōpulus* (álamo) > /pɔ:polu/ × /po:polu/).

As vogais /ɛ/ e /ɔ/ tiveram uma evolução diferente em vários idiomas falados na Península Ibérica. Em Castelhana, Aragonês e Asturiano ditongaram /ɛ/ > /je/ a /ɔ/ > /we/, např. *tierra, fuego* (em Castelhana). Nos outros idiomas (Português, Galego e Catalão) a ditongação não ocorreu. As vogais passaram para estas línguas inalteradas (em Português e Galego- *terra, fogo* ou em Catalão- *terra, foc*).

Algumas vogais que se articulavam de modo semelhante, fundiram-se numa só, por exemplo, /i/ aberto fundiu-se com /e/ fechado. Esta mudança ocorreu provavelmente já no início da nossa era (*pilus* /pilum/ > /pe:lu/, *tēla* /te:lām/ > /te:la/). O /u/ aberto fundiu-se com o /o/ fechado. Este fenómeno passou-se no período do século II ao século IV (*gutta* /guttam/ > /go:ta/, *glōria* /glo:riam/ > /glo:rja/).

Outra tendência existente no Latim Vulgar era a monotongação de vários ditongos⁸. Esta mudança afeta principalmente os ditongos originais (primários)⁹. Os ditongos em questão são os seguintes: /ae/ > /ɜ/ (do século II), /oe/ > /e/ (desde a segunda metade do século I) a /au/ > /o/ (esta mudança foi registada em Roma já em meados do século II a. C.) (*caecus* – *caecum* > /kɛko/ > /k`ɛgo/ > /tsego/, *poena* – *poenam* > /pena/, *aut* (nebo) > /out/ > /ou/ > /o/). Na Península Ibérica, este fenómeno expandiu-se mais tarde do que nas outras partes da România. É só em finais do século X que nos documentos escritos podemos registar os monotongos. Esta tendência está bem documentada, por exemplo, nas Glosas Silenses¹⁰ (*pauca* > *poca*, *causa* > *cosa*). Nestas palavras, o ditongo /aw/ é original (primário). Deste ditongo primário distinguem-se os ditongos secundários, ou seja, ditongos que se formaram ou por meio de síncope (queda) duma consoante ou pela vocalização da consoante /l/ que seguia a vogal /a/ na sílaba travada (*cantāvit* (zpíval) > /kantaw:t/ > /kantaw:/ > /kanto:/, *alteru* (jiný) > /a:ltru/ > /aw:tru/ > /o:tru/). Em mui-

7 Na reconstrução de palavras partimos sempre do acusativo (o caso mais frequente no Latim Clássico).

8 A monotongação é a mudança dum ditongo para monotongo.

9 São os ditongos que provêm diretamente do Latim Clássico.

10 As Glosas Silenses são comentários escritos no romance peninsular por copistas medievais nas margens dum texto latino. Datam do final do século XI.

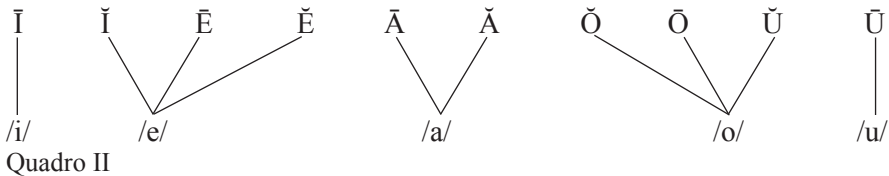
tas palavras, o ditongo primário /aw/ passou a ser monotongo (*augustus* > *agustus*, *auscultare* > *ascultare*).

No Latim Vulgar falado no território em que hoje fica Portugal, a monotongação do ditongo /aw/ não ocorreu, tendo-se este transformado no ditongo /ow/ pela atuação da assimilação (a vogal /w/ alta fez elevar a /a/ baixa – /a/ > /o/ – *causa* > *cousa*, *autro* > *outro*, *cantau* > *cantou*).

Outra tendência típica do Latim Vulgar foi a crase de hiatos¹¹. Nas situações de hiato composto por vogais semelhantes, a crase ocorreu logo no Latim Clássico (*mihi* > *mī* (mně), *prehendere* > *prēndere*).

1.4 Vogais átonas

Em linhas gerais, podemos constatar que o subsistema das vogais átonas do Latim Vulgar foi simplificado e reduzido a apenas cinco fonemas /a/, /e/, /i/, /o/ a /u/ (Väänänen 1981:30). Vejamos o quadro ilustrativo deste subsistema:



Como já foi acima referido, as vogais átonas, em geral, são caracterizadas pela sua instabilidade, mudanças de timbre e pelas tendências à redução. Em certas posições, também podem cair. No seu subsistema, podemos, porém, encontrar uma certa hierarquia fonológica: a posição mais estável é a inicial e as posições dentro da palavra são caracterizadas como menos estáveis. Trata-se de vogais pretônicas¹² e postônicas¹³. De todas as vogais átonas é a /a/ que se considera como a mais estável.

Apresentamos agora três mudanças principais que afetaram muitas palavras do Latim Vulgar e eram importantes para a evolução das línguas românicas:

- **Síncope** (do grego *synkópe* – encurtamento) = trata-se da queda duma vogal dentro duma palavra cuja consequência é a perda duma sílaba (ocorre com frequência nas palavras com as líquidas /l, r/) – (*calidus* – *calidum* > /kalido/ > /kaldol/, *positus* – *positum* > /põsito/ > /põsto/).
- **Prótese** (do grego *prothesis* – colocar diante) = trata-se da adição dum fonema no início da palavra (típico do Latim Vulgar – adição do /i/ antes do grupo /s/+uma consoante) – (*schola* – *scholam* > /skõla/ > /iskõla/ > /eskõla/, *spatha* – *spatham* > /spata/ > /ispada/ > /espada/).

¹¹ A crase é fusão de dois elementos vocálicos em um só.

¹² A vogal pretônica é aquela que precede a sílaba acentuada.

¹³ A vogal postônica é aquela que se segue a sílaba acentuada.

- **Apócope** (do grego *apokopé* – amputação) = trata-se da supressão dum fonema ou duma sílaba no final da palavra (*quōmodō* > *quōmo*)

2. O sistema vocálico no Português Antigo

Recapitulamos agora a evolução do sistema vocálico no Português Antigo e Médio¹⁴. Este período encontra-se delimitado aproximadamente pelo fim do século XII (aparecimento dos primeiros documentos escritos em Português) (sobre os primeiros documentos escritos em Português ver Hricsina 2013) e pela metade do século XVI (edição das primeiras gramáticas do Português e de *Os Lusíadas*). Este período pode ser ainda dividido em duas subfases – o Português Antigo e o Médio. A fronteira entre estes períodos situa-se em meados do século XIV, ou seja, numa época caracterizada pelo declínio da poesia galego-portuguesa e consequentemente pela divisão do Galego-Português ou delimitada simbolicamente pela batalha de Aljubarrota em 1385 (sobre a periodização da história da língua portuguesa ver Cardeira 2006:82–87). Por contraposição com o capítulo anterior, aqui ocupar-nos-emos de um período linguisticamente bem documentado.

2.1. Vogais tónicas

Pode-se constatar que o Português Antigo tinha um carácter conservador, possuindo um sistema de vogais tónicas bastante idêntico ao do Latim Vulgar. Não ocorreram quaisquer ditongações destas vogais como nas demais línguas românicas (Francês, Italiano, Espanhol, Romeno etc.) (ver Zavadil 1998: 89–90).

A única diferença em comparação com o Latim Vulgar encontra-se representada pela evolução do fonema /a/ que naquela época, muito provavelmente, possuía duas variantes de pronúncia. Segundo alguns especialistas no domínio da história da língua portuguesa, este fonema pronunciava-se antes das consoantes nasais de maneira reduzida, ou seja, como a vogal central /ɐ/ que conhecemos do Português Atual (Mattos e Silva 2008: 486–7; Teyssier 2001: 25). Um argumento a favor desta teoria pode ser representado pela tendência das vogais nasalizadas (ficando antes duma consoante nasal) a fecharem-se. Também os autores das primeiras gramáticas do Português, Fernão de Oliveira¹⁵ e João de Barros¹⁶ distinguem a pronúncia do assim chamado *a* pequeno na palavra *amo* e o *a* grande na palavra *Almada*. Ao contrário, Clarinda Azevedo de Maia recorda que nos dialetos setentrionais atuais do Português e em Galego o fonema /a/ é sempre aberto (também antes das consoantes nasais), acrescentando que são estes dialetos que apresen-

¹⁴ A denominação de Português Médio foi pela primeira vez utilizada por Lindley Cintra (Castro 1999).

¹⁵ Fernão de Oliveira, *Grammatica da lingoagem portuguesa*, 1536.

¹⁶ João de Barros, *Grammatica da lingua portuguesa*, 1540.

tam os traços mais arcaizantes e por isso, em muitos aspetos, devem refletir a situação que existia nas fases arcaicas da língua (Maia 1986: 318–9).

O facto de o Português Antigo ter retomado o sistema das vogais tónicas do Latim Vulgar, não significa que a qualidade das vogais nas palavras tenha permanecido idêntica. O Português pertence às línguas em que ocorrem várias mudanças do fenómeno chamado metafonia (harmonia vocálica, alteamento à distância). É um tipo especial de assimilação à distância. O processo assimilatório é o seguinte: uma vogal átona final (alta ou baixa) atua sobre a vogal tónica temática (dentro da palavra) e faz aproximar a qualidade dela à sua, ou seja, ou fecha-a ou abre-a. Este fenómeno pode ser encontrado também noutras línguas românicas (Leonês, Romeno). À diferença dalgumas línguas em que este fenómeno atua regularmente (Húngaro, Turco), em Português, não influenciou todas as palavras, mas apenas uma parte do vocabulário. Este fenómeno tem a ver com a flexão dos substantivos e verbos. As mudanças metafónicas podem dividir-se em dois tipos:

- a. a vogal final alta modifica a vogal temática: e/>/i/ e /o/>/u/ (/esto/ > /isto/, /todo/ > /tudo/)
- b. a vogal final alta ou baixa só influencia o timbre da vogal temática (seja a fecha, seja a abre): (/medo/>/medo/, /mõêda/>/moêda/, /fõgo/>/fogo/, /formoza/>/formõza/)

No primeiro caso, as mudanças metafónicas ocorreram mais tarde (ainda no século XVI, registam-se oscilações gráficas em algumas das palavras em questão). Apesar disso, Edwin Williams acha que este processo começou já no século XIII (Williams 1986:106–7). Segundo os dados fornecidos pelo corpus eletrónico www.corpusdoportugues.org¹⁷, parece que o período em que esta mudança ocorreu, é a transição entre os séculos XV e XVI. Encontramos também algumas formas metafonizadas já no século XIV, facto que prova a afirmação de Edwin Williams que o processo deve ter começado mais cedo. Veja a tabela das ocorrências dos pronomes demonstrativos entre os séculos XIV e XVII.

	<i>esto</i>	<i>isto</i>	<i>esso</i>	<i>isso</i>	<i>aquelo</i>	<i>aquilo</i>
séc. XIV	4 194	94	461	16	226	15
séc. XV	6 029	708	307	351	484	23
séc. XVI	777	3 715	78	2 551	26	210
séc. XVII	23	2 398	14	1 304	0	103

Tabela I

É muito mais difícil verificar quando começou o segundo tipo de evolução metafónica, porque este não é diretamente deduzível da grafia. Os linguistas apoiam-se principalmente na análise da poesia medieval, por exemplo, no Cancioneiro da Vaticana¹⁷ rima-se a palavra *medo* com *cedo* (Williams 1986:107). Isto significa

¹⁷ *Cancioneiro da Vaticana* é uma colectânea medieval de 1200 cantigas trovadorescas escritas

que naquela altura nas duas palavras se pronunciava muito provavelmente /e/. Clarinda de Azevedo Maia aponta para as diferenças sociolinguísticas possíveis na pronúncia das palavras afetadas pela metafonia (Maia 1986:508–519).

O sistema das vogais tónicas compreendia então sete fonemas. O fonema /a/ tinha muito provavelmente a sua variante posicional (antes da consoante nasal) /ɐ/. Vejamos o quadro ilustrativo.

Vogais	anteriores	centrais	posteriores
fechadas	i		u
semifechadas	e		o
médias		(ɐ)	
semiabertas	ɛ		ɔ
abertas		a	

Quadro III

2.2 Vogais átonas

A língua portuguesa pertence ao grupo das línguas em que existe uma hierarquia entre as vogais tónicas e átonas. Estas últimas tendem a pronunciar-se de uma maneira reduzida, com um timbre modificado. Ao mesmo tempo, temos que distinguir também as vogais átonas finais (ficando no final da palavra) e as não-finais, nomeadamente as pretónicas (ficando antes do acento). Em Português e noutras línguas românicas, a evolução de ambas foi diferente.

2.2.1 Vogais átonas finais

A única vogal que na fase mais remota da história da língua portuguesa não teve nenhuma tendência para a redução, foi o fonema /a/. Não foram registadas nenhuma oscilações da grafia nas palavras com este fonema. A única exceção está representada nela construção *em cas de*<*em casa de* (Mattos e Silva 2008:495). No Corpus, registámos só poucos casos desta construção cuja frequência foi diminuindo durante os séculos (21 ocorrências no século XIV, 9 no século XV, 6 no século XVI e só uma no século XVII). Então, parece muito provável que o grafema <a> final se pronunciasse como o /a/ (chama /ʃama/, cousa /kowza/).

Segundo os factos conhecidos, parece muito provável que na fase mais remota do Português Antigo tenha havido uma oposição fonológica entre os fonemas /e/ e /i/ no final de palavra (Mattos e Silva 2008: 495–6). O último fonema provem da vogal longa latina /ī/. Esta vogal encontra-se, por exemplo, na primeira pessoa do singular do pretérito perfeito simples – *trouxi, ouvi, soubi* ou na segunda pessoa do singular do imperativo – *bevi, entendi, escolhi, recebi* (em oposição à terceira pessoa do singular do presente do indicativo em que havia o fonema /e/

no final do século XV ou no início do século XVI. Está depositado na Biblioteca do Vaticano.

– *beve, escolhe, entende, recebe*). No pretérito perfeito simples existia uma oposição entre a primeira pessoa do singular – *fezi* (<*fecī*) e a terceira pessoa do singular – *feze* (<*fecit*), *esteve/estevi, posi/pose*. Na formas com o fonema /e/ ou /o/ no radical do verbo, ocorreu, na primeira pessoa do singular, uma mudança metafônica (sob a influência da vogal final alta /i/) e esta vogal elevou-se, resultando em /i/ ou /u/. Na terceira pessoa do singular a metafonía não ocorreu. Isto pode servir-nos de um argumento para a existência da vogal /i/ no final de palavra nesta fase do Português. Visto que se podem encontrar as formas metafonizadas já nos primeiros documentos escritos em Português, parece muito provável que esta mudança tenha ocorrido muito cedo. No Corpus, encontramos só uma variação entre a forma metafonizada e a não-metafonizada, constatando que a primeira predominava ligeiramente (*pusi* – 8 ocorrências/*posi* – 3). Nos clíticos havia uma oscilação entre /e/ e /i/, sem que se tratasse duma oposição funcional (*me/mi, te/ti, lhe/lhi*). Mesmo assim, a análise feita no Corpus mostrou que existia uma certa regularidade de uso dos pronomes *me/mi, te/ti*. As formas em –*i* usaram-se, na maioria dos casos, depois duma preposição. No que diz respeito aos pronomes da terceira pessoa, usaram-se indiferentemente com uma predominância nítida da forma em –*e* (no século XIV – *lhe* – 3 140 ocorrências/*lhi* – 1 147). A oposição dos fonemas finais /e/ e /i/ foi muito cedo neutralizada e desde o século XIII no final das palavras portuguesas, encontrava-se só o arquifonema /E/¹⁸.

A questão dos fonemas finais /o/ e /u/ representa um tema muito polémico. A linguística portuguesa diacrónica continua a procurar uma resposta à pergunta se no Português Antigo no final de palavra, se pronunciava /o/ ou /u/ (Mattos e Silva 2008:496–7). Um argumento a favor da pronúncia do último é representado por mudanças metafônicas em várias palavras (*todo*>*tudo, esto*>*isto, esso*>*isso* nebo *aquelo*>*aquilo*). O alteamento das vogais em questão não teria acontecido, se se tivesse pronunciado /o/ no final destas palavras. Clarinda de Azevedo Maia, analisando os documentos provenientes dos territórios da Galiza, do Minho e da região do Douro, afirma que no norte deste território não encontra as palavras metafonizadas, mas o fenómeno existia com certeza no sul da zona estudada. Ela conclui que a pronúncia do /o/ final era com muita probabilidade dialetalmente diferenciada. No norte de Portugal e na Galiza, a pronúncia era mais aberta (no Galego moderno pronuncia-se sempre /o/ no final de palavra) do que nas zonas meridionais em que se pode registar uma tendência clara a fechar a vogal /o/ > /u/ já na fase mais remota da história do Português (Maia 1986: 525–6). Só resta saber se já no Português Antigo o <o> se pronunciava como /u/. Paul Teyssier admite só a pronúncia do /o/ (Teyssier 2001: 25). O linguista brasileiro Anthony Julius Naro admite o alteamento do /o/ final, mas acha que ainda não se realizava o fonema /u/ (Naro 1973:42). Em muitas palavras, pode-se registar o grafema <u> em vez do <o> etimológico. Nestes casos trata-se muito provavelmente de

¹⁸ O arquifonema representa uma classe de fonemas que perderam a sua capacidade de distinguir palavras numa certa posição.

latinismos (*Portu, fazemus*). O repertório dos fonemas realizados na posição átona final no Português Antigo e Médio era o seguinte:

Vogais	anteriores	centrais	posteriores
fechadas	(i)		
semifechadas	e		o
médias			
semiabertas			
abertas		a	

Quadro IV

2.2.2 Vogais átonas não-finais

A realização do grafema <a> na sílaba pretónica (ou dentro de palavra ou no início de palavra) fica ainda por resolver. Os primeiros gramáticos da língua portuguesa, Fernão de Oliveira e João de Barros, informam-nos indiretamente que no século XVI, já existiam dois fonemas – /a/ e /v/. Nas suas gramáticas, mencionam as palavras *aquele* e *aaquele* (preposição *a* + *aquele*) cuja pronúncia era diferente. Na primeira palavra pronunciava-se o assim chamado *a* pequeno /v/ e na segunda, o *a* grande /a/ (Mattos e Silva 2008: 497–8). Isto, porém, reflete a situação do século XVI. Ninguém sabe responder à pergunta seguinte: qual era a pronúncia do <a> na fase mais remota do Português Antigo? É possível ter havido uma certa oscilação do timbre do /a/ na sílaba átona ou no início de palavra ou dentro de palavra devido à variação gráfica registada em muitas palavras (*Anrique/Enrique, antre/entre, alefante/elefante, salário/selário, sagrado/segrado, piedade/piedade*). Estas variações foram provadas pela análise no Corpus. Curioso é o facto de que nalgumas palavras começadas pelo *e*-etimológico, é a variante com *a*- não-etimológico que predomina.

	<i>enrique</i>	<i>anrique</i>	<i>entre</i>	<i>antre</i>	<i>piedade</i>	<i>piadade</i>	<i>segrado</i>	<i>sagrado</i>
séc. XIV	0	2	225	766	83	103	0	20
séc. XV	2	33	154	1 933	266	60	0	26

Tabela II

A realização dos grafemas <e> e <i> no início de palavra é caracterizada por muitas confusões entre os respetivos fonemas /e/ e /i/. Às vezes, o elemento vocálico pode ser ditongado /ej/. Estas oscilações estão documentadas em textos provenientes da respetiva época (*idade/edade/eidade, igreja/eigreja, escritura/iscritura*) (Mattos e Silva 2008: 498–9). No Corpus, este tipo de variação foi provado no caso da palavra *igreja*.

	<i>igreja</i>	<i>egreja</i>	<i>eigreja</i>
séc. XIV	248	61	2
séc. XV	374	252	11

Tabela III

As mesmas oscilações estão registadas também na realização destes grafemas dentro da palavra, mas neste caso as mudanças são motivadas pela metafofia. Isto quer dizer que a vogal na posição pretónica se eleva sempre que na sílaba tónica existe uma vogal alta /i/ ou /u/. Segundo os dados fornecidos pelo primeiros gramáticos do Português, estas mudanças estão estabelecidas no Português falado na Corte real. Muitas oscilações ou variações nestes fonemas podem ser encontradas em textos provenientes de uma época mais remota (*vendita/vindita, vegiar/vigiar; veuva/viuva, pidimos, pidi, fridas, sirvia, mininos, pirigos*) (Mattos e Silva 2008:499). No Corpus, as variações na grafia foram encontradas, por exemplo, nas palavras *veuva/viuva, pedir/pidir e menino/minino*.

	veuva	viuva	pedir	pidir	menino	minino
séc. XIV	0	2	161	17	1	0
séc. XV	1	13	227	60	66	57

Tabela IV

Ao contrário das vogais acima mencionadas, a realização dos grafemas <o> <u> no início de palavra é mais estável, mesmo que também aqui ocorram várias oscilações na pronúncia e na ortografia. Todas estas confusões documentadas são provavelmente resultado de metafofia (todas as palavras têm a vogal tónica alta) – *oliveira/uliveira, homilde/humilde, orgulho/urgulho* (Mattos e Silva 2008: 499–500). No Corpus, as variações na grafia encontraram-se apenas na palavra *homilde/humilde*.

As vogais /o/ e /u/ que ficam dentro de palavra, têm a mesma evolução que as vogais /e/ e /i/. Se na sílaba tónica há uma vogal alta, a vogal átona eleva-se. Este processo afeta as palavras em questão já no século XIV. No século XVI, Fernão de Oliveira afirma que a diferença entre as vogais /o/ e /u/ é tão pequena que os falantes as confundem. Eis vários exemplos – *bogia/bugia, costume/custume, recordar/recurdir, logar/lugar, molher/mulher* (Mattos e Silva 2008: 500). No Corpus, estas oscilações foram provadas. É interessante que no século XV nas palavras *costume* e *logar*, a variante com -u- já seja predominante. Veja a tabela seguinte:

	costume	custume	logar	lugar	molher	mulher
séc. XIV	70	937	1 421	270	1 026	78
séc. XV	254	461	801	2 010	2 372	69

Tabela V

Segundo Paul Teyssier, no século XV, aparecem em Português na posição átona os fonemas /ɛ/ a /ɔ/ como resultado da crase de duas vogais idênticas no hiato, ou seja, uma sequência vocálica que se formou pela queda duma consoante intervocálica – *excadescere /eskaetser/>/eskeetser/>/esketser/, colorare /kooar/>/kōar/* (Teyssier 2001:42). Criam-se, assim, algumas novas oposições fonológicas – /pregar/</preegar/</predegar/</praedicare-/pregar/<plicare ou *corar /kōar/* –

curar /kurar/<curare. Segue-se o quadro que ilustra os fonemas realizados na sílaba pretónica ou no início de palavra ou dentro de palavra no Português Antigo e Médio.

Vogais	anteriores	centrais	posteriores
fechadas	i		u
semifechadas	e		o
médias		(ɐ)	
semiabertas	ɛ – do século XV		ɔ – do século XV
abertas		a	

Quadro V

2.3 Ditongos e hiatos

No Português Antigo, o inventário dos ditongos crescentes era o seguinte: a) ditongos com iode – /ej/, /aj/, /uj/ e /oj/, b) ditongos com wau – /iw/, /ew/, /aw/ e /ow/. Uma questão que ainda não está resolvida, é se naquela época não havia também o ditongo /ɛw/. Um argumento a favor desta hipótese seria o facto de que as palavras que provavelmente tinham este ditongo (*deus, judeu, meu*), provindo da etimologia latina, na poesia galego-portuguesa, não se rimavam com o ditongo fechado /ew/. Nestas palavras, este ditongo fechou-se mais tarde por motivo da metafonia (influenciado pela semivogal alta /w/) (Castro 2004: 119–120). A maioria dos ditongos existentes no Português Antigo são secundários. O ditongo original, provindo diretamente do Latim Clássico, verifica-se, por exemplo, na palavra *cousa*<*causa*.

Há vários tipos de formação dos ditongos secundários no Latim Vulgar:

1. pela vocalização¹⁹ duma consoante: *fructu*>/frujto/, *cocta*>/kojta/
2. pela apócope das consoantes finais: *partivit*>/partiwi/>/partiw/
3. pela síncope duma consoante sonora intervocálica: *magis*>/majs/
4. pela metátese²⁰: *primariu*>/primajro/>/primejro/ (a sílaba tónica atrai o ditongo e segue-se a assimilação da vogal /a/ ao iode)

No século XV, começaram a formar-se novos ditongos abertos /ɛj/, /ɔj/ e /ew/. Estes ditongos eram resultado da queda de consoantes intervocálicas – *crudeles*>*cruées* /kruejs/, *soles*>*soes* /sɔjs/ e *caelu*>*céu* /sew/ (Teyssier 2001: 43). É muito provável que devido à grafia destas palavras, estas sequências vocálicas se pronunciassem originalmente como hiatos. Só mais tarde ocorreu a sua ditongação.

É interessante verificar que já no Português Antigo podemos encontrar várias oscilações dos ditongos /oj/ e /ow/ numa palavra. Este fenómeno persistiu em muitas palavras até hoje. Porém, os dois ditongos têm etimologia diferente:

¹⁹ A vocalização consiste na mudança dum elemento consonântico ao vocálico.

²⁰ A metátese é a transposição de fonemas na mesma sílaba dentro de uma palavra.

o ditongo /ow/ formou-se seja do ditongo latino /aw/ – *causa*>*cousa*, seja pela vocalização da consoante /l/ na sequência /al/ – *alteru*>/awtro/>/owtro/. O outro ditongo /oj/ formou-se pela vocalização da consoante /k/ na sequência /kt/ ou /ks/ – *cocta*>*coita*, *coxu*>*coixo* ou pela metátese do iode – *russeu*>/rojfo/>/rojfo/. Estas oscilações são frequentes nos documentos escritos desde o século XIII – *moiro/mouro*, *coisa/cousa*, *coiro/couro* (Mattos e Silva 2008: 507). As variações entre os dois ditongos estão documentadas no Corpus. É evidente que nos séculos XIV e XV, as formas etimológicas são muito mais frequentes.

	<i>mouro</i>	<i>moiro</i>	<i>cousa</i>	<i>coisa</i>	<i>coiro</i>	<i>couro</i>
séc. XIV	273	0	2 627	0	2	0
séc. XV	351	12	5 296	2	25	4

Tabela VI

No Português Antigo, existiam só dois ditongos crescentes /ju/ e /ja/ que se formaram à base dos hiatos latinos – *phuvia*>*chuvia*>*chuva*, *ravia*>*raiva*. Em muitos casos o ditongo tornou-se monotongo (o primeiro exemplo) ou passou para a primeira sílaba (o segundo exemplo). Existem, porém, vários casos em que o ditongo se tornou monotongo no Português Antigo para ser restituído mais tarde – *gardar*, *calquer*, *agardente*. Analisando estas palavras no Corpus, ficamos a saber que estas formas nunca foram muito frequentes (sendo relativamente vitais apenas no século XV).

	<i>guardar</i>	<i>gardar</i>	<i>qualquer</i>	<i>calquer</i>
séc. XIV	425	39	153	0
séc. XV	839	107	812	3
séc. XVI	435	15	1 479	0

Tabela VII

No Português Antigo, havia também muitos hiatos que se formaram também pela queda de consoantes intervocálicas – *populu*>*poboo*, *color*>*coor*, *mala*>*maa*, *pede*>*pee*. Este fenómeno era uma das características principais deste período da língua. A crase destes hiatos ocorreu já no século XIII, ou seja, no Português Médio. Os hiatos formados pelas vogais diferentes (criados também pela queda duma consoante intervocálica) – *credo*>*creo*, *candela*>*candea*, persistiram em Português até ao século XVI em que ditongaram pela inserção do iode – *creio*, *candeia* (Teyssier 2001: 44–5). No Português Antigo, havia também os hiatos primários (provenientes diretamente do Latim) – *aprehendere*>*apreender*, *retrahere*>*retrair*.

2.4 Vogais nasais

As vogais nasais ou nasalizadas formaram-se nas palavras em que uma consoante nasal (*m*, *n*, *mm*, *nn*) se seguia a uma vogal. A nasalização em Português é quase sempre regressiva, ou seja, a consoante nasal influencia (nasaliza) a vogal prece-

dente. As consoantes que fornecem a nasalidade às vogais nasais, encontram-se em vários contextos fonológicos:

- a. em posição implosiva (vogal + consoante que trava a sílaba): *dente, mandar*
- b. em posição intervocálica (presença duma consoante que figura entre duas vogais, nasalização resultante da queda da consoante nasal): *lana>lã, manus>mão*
- c. em posição implosiva no final de palavra: *amam, com*
- d. em posição intervocálica (a consoante nasal não cai, influencia uma vogal que lhe precede): *ano, amar, chama*

O inventário das vogais nasais existentes no Português Antigo era o seguinte (cf. Castro 2004: 146–7).

Vogais	anteriores	centrais	posteriores
fechadas	ĩ		ũ
semifechadas	ẽ		õ
médias		ẽ	
semiabertas			
abertas			

Quadro VI

No que diz respeito ao caso a), ou seja, realização das vogais nasais pela influência de consoantes que ficam em posição implosiva, não há um acordo unânime entre os especialistas na história da língua portuguesa. Joseph Huber e Celso Cunha interpretam a vogal como nasal (Huber 2006: 136–7). Os outros linguistas deixam esta questão em aberto ao referir que é provável que não se realizasse a vogal nasal pura, mas apenas um glide nasal²¹. Este poderia ter sido ou dental (*sinto* /siⁿto/), bilabial (*campo* /kɐ^mpo/), ou velar (*longo* /loⁿgo/).

No que toca ao caso b), a queda da consoante nasal /n/ representa um dos traços característicos das línguas faladas no noroeste da Península Ibérica (Galego e Português). Supõe-se que esta mudança tem o seu início no século X ou XI, expandindo-se plenamente só no século XII. No princípio, este processo afetou apenas os dialetos setentrionais do Português e Galego, mas no Moçárabe, língua falada no sul de Portugal, não ocorreu. Este facto está documentado, por exemplo, pela toponímia no Alentejo e Algarve onde o /n/ intervocálico permaneceu conservado (Teyssier 2001: 15–6). O processo da nasalização da vogal em questão é o seguinte: a consoante intervocálica cai e deixa a sua nasalidade na vogal precedente que influencia a vogal seguinte – *bono* /bõo/>/bõõ/, *tener* /têet/>/têêr/. No caso da sequência de duas vogais idênticas, primeiro realiza-se um hiato nasal e no século XIII, estas vogais fundem-se (crase) – /têêr/>/têr/. A grafia destes hiatos era variada: *bõõ, bóó, boo*. Estes hiatos nasais não persistiram na língua

²¹ A realização vocálica nasal é acompanhada pela presença da consoante nasal análoga.

muito tempo. Havia três possibilidades avançadas para a simplificação destas sequências:

- a. desnasalização do hiato e crase das vogais: /têēr/ > /teer/ > /ter/
- b. crase das vogais nasais resultante na presença duma só vogal nasal: /bõõ/ > /bõ/
- c. ditongação da vogal nasal, se esta ficasse no final da palavra: /bêẽ/ > /bêĩ/

No caso da queda da consoante nasal /n/ entre duas vogais diferentes, o /n/ nasalizou só a primeira vogal e formou-se o hiato nasal-oral. Estas sequências nasais-orais foram modificadas no Português Médio. Existiram vários processos fonológicos que mudaram estes hiatos (ver mais em Mattos e Silva 2008: 517–8).

- a. desnasalização da primeira vogal que resulta na formação do hiato oral: /perdõar/ > /perdoar/, /korõa/ > /koroa/ (a forma original latina é às vezes restituída – *meos* > *menos*).
- b. desnasalização da primeira vogal que resulta no hiato oral que se torna o ditongo oral pela inserção do iode: /aljẽo/ > /aljeo/ > /aljejo/, /sẽo/ > /seo/ > /sejo/
- c. nasalização da primeira vogal é substituída pela consoante palatal nasal /ɲ/: /vĩo/ > /vijnõ/, /farĩa/ > /fariɲa/

No que diz respeito ao caso c), as vogais nasais formaram-se pela apócope de vogais finais que ocorreu já no Latim Vulgar. Por este processo as consoantes nasais deslocaram-se para o final de palavra e nasalizaram as vogais precedentes – *coratione* /koratson/ > /koratsõ/, *cane* /kan/ > /kẽ/. Outro tipo de formação de vogais nasais é a queda do /n/ intervocálico que ficava entre duas vogais idênticas e a crase destas – *unu* /ũũ/ > /ũ/, *fine* /fĩe/ > /fĩĩ/ > /fĩ/.

O caso d) é um fenómeno muito discutível. No Português Moderno, a nasalização em tal contexto (*ano*, *chama*) existe ao nível dialetal (traço típico do Português do Brasil). A questão que se coloca é se esta nasalização existia também no Português Antigo. Visto que o contexto fonológico é propício para tal, é de supor que também nesta fase do Português a nasalização pode ter existido.

2.5 Ditongos nasais

No Português Antigo, existiam dois modos de formação de ditongos nasais:

- a. pela queda do /n/ intervocálico (o hiato nasal original tornou-se muito cedo ditongo): *manu* /mẽũ/ > /mẽw/, *canes* /kẽs/ > /kẽjs/
- b. pela ditongação das vogais nasais finais em nomes e verbos e pela sua convergência para o ditongo universal /ẽw/: *coração* /koratsõ/ > /koratsẽw/, *cão* /kẽ/ > /kẽw/, *amam* /amẽ/ > /amẽw/

A convergência de várias vogais nasais para o único ditongo nasal passa a ser frequente no Português lisboeta no século XVI. Este processo, porém, teve o seu

início mais cedo, porque as palavras que contêm este ditongo, aparecem no *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*²² (Mattos e Silva 2008: 519). O ditongo, porém, não se expandiu por todo o território de Portugal. No norte, aparece ou naquela altura ou hoje em dia o ditongo /õw/. No século XVI, Duarte Nunes de Leão rejeita o uso deste ditongo, considerando-o como dialetal.

Há várias explicações para esta convergência. Segundo alguns linguistas (Nobiling, Leite de Vasconcelos, J. Bourciez), a causa principal deste fenómeno reside na evolução espontânea das vogais nasais finais. Outros, como por exemplo Edwin Williams ou G. Tilander, opinam que a convergência foi causada por analogia. Eis a explicação por eles avançada: o ditongo /ẽw/ <-anu é o ditongo mais frequente existente no Português Antigo e por isso, os outros ditongos ou vogais nasais passaram a pronunciar-se segundo este modelo. Esta teoria, porém, foi posta em dúvida. Não explica, por exemplo, a ditongação do /ẽ/ final e em vez dela propõe-se a mudança seguinte: no Português Antigo, os ditongos e vogais nasais finais não eram nasais puras, senão sequências duma vogal e um glide nasal que se tornou semivogal – *one*, *-unt*, *-ane*, *-ant* > /ẽw/. A desvantagem evidente desta teoria é o facto de ela não explicar de maneira convincente a passagem da vogal /o/ nas sequências *-one* e *-unt* em /ẽ/. O fenómeno pode ser explicado também pela oscilação entre as vogais /õ/ a /ẽ/ – o pretérito perfeito simples – *amarom* (<amaverunt)/o mais-que-perfeito simples – *amaram* (<amaverant). Uma teoria mais recente vem da autoria de Ana Maria Martins que, depois de analisar e comparar os resultados da evolução destas sequências tanto no Português padrão como em vários dialetos, acha haver uma certa correspondência entre a tonicidade e a ditongação. Quando as vogais ou ditongos finais são tónicos, a sílaba prolonga-se e conseqüentemente as sequências finais ditongam. Em alguns dialetos, nestes casos ocorre também a paragoga (adição duma vogal ao final da palavra) – no dialeto minhoto – *coraçõue*, *bẽie* (ver mais em detalhe em Mattos e Silva 2008: 521–535).

3. O sistema vocálico no Português Clássico e Moderno

Agora analisaremos o sistema vocálico no Português Clássico e Moderno. O primeiro encontra-se delimitado pela metade do século XVI (edição das primeiras gramáticas de Português e de *Os Lusíadas*) e pelo início do século XVIII). O segundo período começa no início do século XVIII e continua até à atualidade. Trataremos os dois períodos ao mesmo tempo visto que as mudanças principais ocorreram na transição deles.

²² *O Cancioneiro Geral*, publicado inicialmente em 1516, é uma compilação de poemas de poesia palaciana reunida pelo escritor eborense Garcia de Resende. Inclui obras dos séculos XV e XVI.

3.1. Vogais tónicas

O subsistema das vogais tónicas passou do Português Antigo e Médio para o Português Clássico sem mudança. A vogal /ɐ/ ainda não funcionava como fonema, porque ainda não tinha a capacidade de formar oposições funcionais. Realizava-se como uma variante posicional do fonema /a/, figurando antes das consoantes nasais – *ano, amo, banho cama*. O Português de então ainda não conhecia a oposição entre a primeira pessoa do plural do presente do indicativo e a primeira pessoa do plural do pretérito perfeito simples que existe no Português Atual – amamos /ɐmɐmuʃ/ – amámos /ɐmamuʃ/ (Castro 2004: 193; Teyssier 2001: 42). Na sílaba tónica podem ocorrer sete fonemas e um alófono.

Vogais	anteriores	centrais	posteriores
fechadas	i		u
semifechadas	e		o
médias		(ɐ)	
semiabertas	ɛ		ɔ
abertas		a	

Quadro VII

3.2 Vogais átonas

O subsistema das vogais átonas mudou profundamente na transição do Português Clássico para o Moderno. Quase todas as vogais átonas elevaram-se em um grau – (/e/ > /i/, /o/ > /u/ e /a/ > /ɐ/). Este alteamento, porém, não ocorreu ao mesmo tempo e as mudanças afetaram as vogais pretónicas e finais duma maneira diferente. Por isso, descreveremos os dois subsistemas separadamente.

3.2.1 Vogais átonas finais

Como foi mencionado atrás, a vogal átona final /e/ elevou-se dum grau e começou a pronunciar-se como /i/. Ao mesmo tempo, a vogal átona final /o/ elevou-se para /u/. Os primeiros testemunhos desta mudança datam do ano de 1734 em que foi editada a *Gramática do Italiano* da autoria de Luís Caetano Lima que aconselha os Portugueses a pronunciarem o <o> final como /o/ e o <e> final como /e/ e não como em Português, respetivamente /u/ e /i/. Alguns anos mais tarde, o escritor português Luís António Verney descreve esta nova pronúncia com exatidão (Teyssier 2001: 57–59). Visto que esta pronúncia era frequente e considerada, naquela altura, como normal, é de supor que o processo do alteamento das vogais átonas começasse, pelo menos, um século mais cedo, ou seja, já no século XVII. Alguns especialistas na história do Português acham que esta mudança se terá iniciado já no século XVI ou no Português Antigo. Porém, estas opiniões são raras. A maioria dos linguistas está de acordo que o início deste processo remonta ao século XVII (Castro 2004: 195).

Enquanto que o alteamento do fonema /o/ para /u/ não tinha outra fase, o processo da modificação do /e/ átono final ainda não acabou. Na segunda metade do século XVIII, registam-se os primeiros sinais da redução do /i/ átono final em /ə/, ou seja, uma vogal centro-posterior fechada (*e* mudo). Como refere Paul Teyssier, na comédia *Entremez do Barbeiro Pobre* do ano de 1769 aparece a figura dum marinheiro que provém do Alentejo e ele pronuncia nesta posição o fonema /i/, facto que cria um efeito cómico e se distingue, assim, da pronúncia normal daquela época (/ə/) (Teyssier 2001: 59–60). Segundo outros testemunhos, é evidente que depois do ano de 1800, a pronúncia do /ə/ nesta posição era considerada como normal (Castro 2004: 195). Um facto importante para a periodização desta mudança é também a ausência desta vogal no Português do Brasil em que se realiza na posição átona final só a vogal /i/.

Apesar de nem Lima nem Verney não mencionarem a passagem do /a/ para a vogal /ɐ/, é de supor que esta mudança ocorresse ao mesmo tempo do alteamento das vogais /e/ e /o/. O inventário dos fonemas na posição átona final na primeira fase do Português Moderno (1800) era o seguinte.

Vogais	anteriores	centrais	posteriores
fechadas	i		ə u
semifechadas			
médias		ɐ	
semiabertas			
abertas			

Quadro VIII

3.2.2 Vogais átonas não-finais

Como foi mencionado em 2.2.2, o fenómeno do alteamento das vogais pretónicas existia já no Português Antigo. Naquela altura, as mudanças eram antes casuais, sendo motivadas pelos processos metafónicos – *menino* > *minino*, *molher* > *mulher*, *fremosura* > *fremusura*. A elevação regular da vogal pretónica /o/ para /u/ começou muito provavelmente já no século XVII. Como refere Paul Teyssier, na *Gramática de Português* escrita por um francês em 1682, o autor diz que a letra <o> na palavra *cortar* se pronuncia em Português como /o/ e às vezes como /u/ (Teyssier 2001: 61). É evidente que a mudança em questão já estava em andamento, mas o processo terminou só por volta do ano de 1800, ou seja, já no Português Moderno.

Muito provavelmente na segunda metade do século XVIII, ocorreu a passagem da vogal pretónica /e/ para /ə/. Parece, porém, muito difícil averiguar se esta mudança passou pela vogal intermédia /i/, como foi o caso das vogais finais. Como refere Paul Teyssier, existem muitos sinais que provam esta hipótese. Nalgumas peças de teatro provenientes daquela época, aparecem palavras como por exemplo – *diclaro*, *pissoa*, *arribentar* etc. Trata-se quase exclusivamente da pronúncia anormal de certas figuras que aparecem nestas peças (Teyssier 2001: 62). A elevação da vogal pretónica /a/ para a vogal média central /ɐ/ situa-se no mesmo período.

Relembremos que o alteamento das vogais afetou só os fonemas fechados /e/ e /o/. As vogais abertas /ɛ/ e /ɔ/, que se formaram no Português Médio pela crase de duas vogais idênticas (ver 2.2.2), passaram para o Português Moderno intactas – (*corar, pregar*).

Outra mudança que afetou o subsistema das vogais átonas (e tónicas), foi a monotongação do ditongo /ow/ em /o/ – *adourar* /ɐdɔrar/, *Douro* /doru/. Segundo Paul Teyssier, este processo concluiu-se provavelmente em meados do século XVIII. É de supor que a mudança tenha ocorrido já no século anterior, ou seja, no Português Clássico. Segundo alguns linguistas, este fenómeno tem a ver com as confusões entre os ditongos /ow/ e /oj/. Este fenómeno está documentado nos textos provenientes do século XVI (por exemplo nas peças de teatro de Gil Vicente).

Simultaneamente com a mudança anterior ocorreu a monotongação do ditongo /ej/ em /e/ – *beira* /bera/, *peixe* /peʃɐ/.

As duas mudanças afetaram só os dialetos centro-meridionais. No norte de Portugal os dois ditongos estão conservados. As fronteiras da expansão deste fenómeno, porém, não são idênticas. Enquanto que a monotongação de /ow/ passou a fazer parte da pronúncia do Português lisboeta, a monotongação de /ej/ não afetou Lisboa, realizando-se a sul da capital portuguesa. O subsistema das vogais pretónicas por volta do ano de 1800 era o seguinte (Teyssier 2001: 63–4).

Vogais	anteriores	centrais	posteriores
fechadas	i		ɐ u
semifechadas			
médias		ɐ	
semiabertas	ɛ		ɔ
abertas		a	

Quadro IX

4. Mudanças ocorridas no sistema vocálico no século XIX

Só no século XIX, ocorreu a mudança dissimilatória do ditongo /ej/ em /ej/ – *feira* /fɛjɾɐ/, *sei* /sɛj/ (Teyssier 2001: 64). Neste caso trata-se do afastamento de duas partes do ditongo. Esta mudança foi registada pela primeira vez em Lisboa donde se foi expandindo por todo o território português. Hoje em dia, faz parte do Português padrão. No norte de Portugal, este processo, no entanto, ainda não foi terminado.

Simultaneamente com a primeira mudança ocorreu outra evolução assimilatória. O ditongo /ẽj/ passou a pronunciar-se /ẽj/ – *tem* /tẽj/, *falem* /falẽj/ (Teyssier 2001: 64). A pronúncia das terminações –*em* e –*ens* e –*ãe* e –*ães* tornou-se idêntica. Também esta mudança tem a sua origem no Português lisboeta, donde se vai expandindo pelas outras regiões portuguesas.

A última mudança que afetou o sistema vocálico do Português, é a pronúncia do grafema <e> como /ɐ/ antes das consoantes palatais /lj/, /ɲ/, /ʃ/ e /ʒ/ – *velho* /

vêlju/, *venho* /vɛ̃ɲu/, *fecho* /fɛ̃ʃu/, *vejo* /vɛ̃ʒu/ (Teyssier 2001: 65). Em Lisboa, este processo foi finalizado em finais do século XIX em que Gonçalves Viana²³ afirma que todos os habitantes da capital portuguesa pronunciam desta maneira. À diferença das duas mudanças anteriores, esta é sempre sentida como uma pronúncia tipicamente lisboeta.

5. Conclusões

No artigo apresentado, descrevemos a evolução do sistema vocálico no Português Europeu nas suas várias etapas: Latim Clássico, Latim Vulgar, Português Antigo e Médio, Português Clássico e Moderno. Servimo-nos, assim, das fontes secundárias que nos foram disponíveis. Verificámos também no *corpus* www.corpusdoportugues.org algumas questões que ainda não foram resolvidas satisfatoriamente. Em muitos casos, a análise *in corpora* confirmou uma hipótese maioritária (variações gráficas ocorridas nas palavras com <e> e <i> ou <o> e <u> respetivamente, nas sílabas átonas no Português Antigo). Noutros casos, a nossa análise ajudou a precisar as teorias avançadas (a metafonía das vogais temáticas e/>/i/ e /o/>/u/ ocorreu na transição entre os séculos XV e XVI, no Português Antigo e Médio, as formas monotongadas – *gardar*, *calquer* – foram raras).

Bibliografia

- CARDEIRA, Esperança. *História do Português*. Lisboa: Caminho, 2006.
- CASTRO, Ivo. O Português Médio segundo Cintra (nuga bibliográfica). In *Lindley Cintra, homenagem ao homem, ao mestre e ao cidadão*. Ed. Isabel HUB FARIA. Lisboa: Edições Cosmos, 1999, p. 367–370
- CASTRO, Ivo. *Introdução à História do Português*. Lisboa: Edições Colibri, 2004.
- HAADSMA, R. A.; NUCHELMANS, J. *Précis de latin vulgaire*. Groningen: J. B. Wolters, 1963.
- HRICSINA, Jan. Hledání nejstaršího portugalského textu. *Časopis pro moderní filologii*, 2013 (em prelo).
- HUBER, Joseph. *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.
- MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do Galego-português*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. *O português Arcaico. Volume II. Sintaxe e fonologia*. Lisboa: Imprensa nacional-casa da moeda, 2008.
- NARO, Anthony Julius. *Estudos Diacrônicos*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- NETO, Serafim da Silva. *História do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.
- TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 2001.
- VÄÄNÄNEN, Veikko. *Introduction au latin vulgaire*. Paris: Klincksieck, 1981.
- WILLIAMS, Edwin Bucher. *Do Latim ao Português*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1986.
- www.corpusdoportugues.org.
- ZAVADIL, Bohumil. *Vývoj španělského jazyka I*. Praha: Karolinum, 1998.

²³ Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (1840–1914) é considerado fundador da fonética portuguesa.

Abstract and key words

This study has two objectives: firstly, to recapitulate the evolution of the Portuguese vowel system and to show the state of this system in various phases of its history (vulgar Latin, old Portuguese, classical Portuguese and modern Portuguese). Secondly, to verify linguistic changes that have occurred in this system and that are mentioned as hypothetical in the linguistic literature, in the diachronical corpus of Portuguese language (www.corpusdoportugues.org).

Portuguese language; diachronic linguistics; vowel system; corporal linguistics

